

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## ANTÓNIO VIEIRA E OS MÉDICOS NO SERMÃO DE S. LUCAS.

PINA, Luís de

Ano: 1941 | Número: 51

---

### Como citar este documento:

PINA, Luís de, António Vieira e os médicos no sermão de S. Lucas. *Revista de Guimarães*, 51 (1-2) Jan.-Jun. 1941, p. 78-94.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)

URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## António Vieira e os Médicos no Sermão de São Lucas <sup>(1)</sup>

*Não é o homem um mundo pequeno,  
que está dentro do mundo grande, mas é um  
mundo, e são muitos mundos grandes, que  
estão dentro do pequeno.*

Vieira — *Sermão de São Roque*. 1657.

Senhor Presidente,  
Minhas Senhoras,  
Meus Senhores:

Alguém um dia asseverou, profundissimamente, que nem sempre a fuga nas lutas é derrota, mas vitória indiscutível. Poderá isto parecer duro ou muito agro no tímpano vibrátil dum ou outro auditor desta assembléia festiva. Contudo, tenho para mim que não há aí ânimo capaz de comentar êste exórdio como cousa mingudadamente ortodoxa no tocante a regras da boa velha cavalaria andante ou do catecismo da honra dos homens.

E' que, minhas Senhoras e meus Senhores, nem tôdas as vitórias são glórias, nem tôdas as derrotas são vergonhas. Eu lembro, entre mais vitórias que as fugas trazem, essas do amor, no dito já célebre dum hiper-ambicioso cabo de guerra gaulês. E outras sentenças, e outros conceitos similares poderia coleccionar agora, se não temesse a escassez do tempo e o enfado dos ouvintes. Quero dizer na minha que nestas aperturas eu estaria já inscrito na ementa gloriosa dos vencedores se tivesse desamparado a tarefa de

---

(1) Conferência lida na SOCIEDADE MARTINS SARMENTO, na noite festiva do IV Centenário da Companhia de Jesus em Portugal, segunda-feira de Pascoela de 1941.

colaborar em festa solene, tão cristã e tão portuguesa como esta.

Que glória a minha se à carta mandadeira do amigo bom e certo dêste burgo eu tivesse respondido com a epístola conhecidamente banal duma polida negativa!

E ora aí está como deslogrei mais uma conjuntura que me servia jeitosamente de escaleira à galeria dos heróis. Não fugi, perdi! Eis-me vencido, bem vencido, esnocado em pés e mãos, rôta a lança do combate, malferida a fama de combatente e leso o ânimo. Aqui me tendes, tal e qual, miseramente derrotado. E, todavia, eu creio que não haverá aí peito que me brade um *vae victis* clangoroso, antes acolha o afortunado com a mais evangélica das piedades no ponto final do ajuste de contas.

Eu confesso que não tive culpa, eu confesso que perdi de boa fé. ¿Que mais exigirá êste tribunal pleno para lançar no papel sentenciador o indulto do argüido?

Não desvendarei, públicamente, o chamadoiro bem conhecido do amigo que me deitou a perder; tampouco assestarei meu indicador defensivo em sua pessoa, que hoje aqui se assenta entre nós e que sempre está em meu coração.

A mim, sobeja-me pejo que tinha meu semblante todo; mas, a êle, há-de lanhá-lo *ad perpetuam* o remorso do mal que me fez e do mal que vos fez, a todos que ides ouvir-me. Graças a Deus, para mim, para vós e para êle, outras compensações, as melhores e maiores, vo-las dará a festa desta noite. Eu não passo, aqui, de obscuro figurante sem graça e sem resplendor. Esta ideia, ao menos, consola-me um pouquinho. Os mais, que ides ouvir, é que enchem tôda a festa. Eu serei, apenas, no rosário dos luzeiros que vão brilhar esta noite, o morrão mortiço e fumento duma candeia sem óleo ou bugia ressequida!

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Nado e criado em terras que não são do têrmo vimaranense, eu não sou daqui e sou daqui. Paradoxal inferência a minha, porém certa e o menos para-

doxal possível. Bem pode ser que a não entendam uns e que mal a entendam outros. A verdade é que esta vossa terra, não minha, é tão minha como vossa: — primeiro, porque somos todos portugueses; segundo, porque é terra e berço de avós e de pais meus que, semelhantemente a ramo de árvore transplantado, aqui gerou novas franças e enfolhou rebentos novos. Aqui se entroncou, vai passante de oitenta anos, um dos mais directos avós emigrado de torrão beirense, bem do meio da nossa Beira, de entre o Mondego e o Vouga e as altas serras do coração de Portugal. E êste burgo formoso e amigo, onde já outros seus avós muito velhos assentaram casa; êste burgo nobre, a trinta e oito léguas do seu berço nas terras visienses, o acolheu gasalhos.

Sempre agradecido, o exilado moço de há oitenta anos ei-lo que no trabalho duro recomeça outra vida e restaura o sangue da família velha, agora mesclado de seiva minhota e beiroa, sangue que honrosissimamente me sustenta a vida que tôda consagro à sua heróica e mesma emprêsa de restauração, que é tôda uma conquista da vontade, de incomensurável labor, sob a protecção augusta e indispensabilíssima de Deus!

Por isso, minhas Senhoras e meus Senhores, eu sou daqui não sendo daqui. Noutra terra portuguesa vi a luz do mundo pela primeira vez: mas a luz do mundo é bem tôda a pequena luz da nossa Pátria e tôda a Pátria esplende na pequena luz que ilumina o torrão em que se nasce! Mas raro é êste nossa verdadeira terra. Esta, sim, há-de ser, dentro da mesma Pátria, a em que nos criamos e educamos; em que ganhamos o pão de cada dia; em que nos fazemos homens; em que se confecciona a nossa personalidade psíquica e moral.

Essa, sim, que é a nossa terra. A do nascimento é, tanta vez, apenas um facto de acaso, um acidente da vida de família.

Debaixo dêste teto que cobre uma das casas mais insignes e ilustres de Portugal; debaixo destas telhas que guardam das chuvas e dos sóis o preciosíssimo recheio bibliográfico e arqueológico de um dos mais notáveis Museus da Península; entre estas paredes

abençoadas que circundam todo um tesoiro eu posso dizer que comecei a viver a minha vida do espírito!

E como me sabe bem e consola dizê-lo hoje, de frente de tantos filhos da formosa terra de Mumadona, de São Dâmaso, do 1.<sup>o</sup> Afonso, de Gil Vicente, talvez; do Abade de Tãgilde, de Alberto Sampaio e de João de Meira, de Moreira de Sá e de Martins Sarmento!

O que eu devo ao agasalho, calor e amor desta casa nobre, desta academia e pequenina universidade minhota!

Bem moço ainda, por estas salas comecei a gastar meus dias feriados e, quanta vez, não feriados; sequioso de saber, estonteado entre tantas riquezas de livros e de objectos. Estudei o que pude e quanto pude: desde os velhos papéis da insigne Colegiada às pedras e vèlhices do Museu, neste sobrado, e lá em baixo, sob as arcarias do jardim.

E foi assim que, insulado e alheio do mundo, entesoirei riquezas sem conta, que são os melhores pilares do poucochinho que ainda sei e a fonte de tudo lo que, em letra redonda, tenho dado e darei à vossa terra madre!

A casa de Sarmento, em que falo hoje, foi-me pródiga mãe da adolescência inquieta e sôfrega nas e das cousas do espírito.

Assim, ao falar, a primeira vez, dentro destas recâmaras, eu reverto-me aos tempos em que passava aqui meus dias quási inteiramente, no silêncio, na paz e no estudo.

Hoje, paz e silêncio são cousas inegozáveis no meio do século XX, o século das luzes que, por sê-lo, corre em confusão de sombras. Onde não brilha luz as sombras não aparecem.

Paz e silêncio, lá se foram com a adolescência despreocupada: a luta pela vida não pode fazer-se calado, nem quieto. Mas o hábito do estudo, sim, êsse ficou, ficou até que Deus me cerre os olhos. E' no estudo que caldeio a vida e restauro fôrças de alma e inteligência, ao barulho das rodas dentadas da máquina giradora do Mundo.

Estudar sempre, para mais se saber que cada vez se sabe menos: menos das cousas e menos dos ho-

mens. Não sei qual das ignorâncias seja melhor, se é que não são ambas de duas más!

\*

\* \*

O exórdio dilatei-o por querer: — não para cumprir regras de estilo sermonário, senão com o fito de ganhar ânimo para o discurso, assim a modos de quem enche fartamente os pulmões, antes dum profundo mergulho.

Minhas Senhoras e meus Senhores:

De há muito que a missão da Companhia de Jesus no Mundo, tarefa sobrehumana que o germânico Ludwig Marcuse tão fundamente gravou nas laudas do *Inácio de Loiola, ditador das almas*; de há muito que a empresa terrena da Companhia de Jesus se me revelou ampla e clarissimamente aos meus olhos e ao meu entendimento de humílimo pecador. De tal sorte, que eu hoje não posso mesmo compreender o mundo espiritual sem a sua íntima interferência. Nós, homens de Portugal, irrequietos e maldizentes, indisciplinados e inconstantes, nunca podemos entender com largueza o sistema ético da Companhia de Jesus.

Hierática, grave e disciplinada na luta, a Milícia da Companhia é um exemplo do que podem a obediência, a renúncia e a humildade. Razão tem Marcuse: — «talvez ainda possa vir a servir de modelo a uma nova escola de almas».

A grande idéia mobilizadora, reformadora e aproveitadeira, de Inácio de Loiola, Marcuse a comenta dêste teor:

— «Uma ideia, por melhor que se seja, de nada vale se não for tão indispensável a quem a possui como os olhos e os ouvidos».

Essa indispensabilidade é o eixo da roda jesuíta, no século XVI, como em nosso século XX.

Em pleno Renascimento a Companhia de Jesus surge em Portugal, para completar a obra de colonização portuguesa, dentro e fora de fronteiras europeias. As duas empresas são inseparáveis e similares: por

terras de África e Ásia e Oceânia e Brasil os sangues das Companhias de soldados e dos missionários da Companhia vertem-se nas mesmas lutas e encharcam os mesmos chãos, nos martírios de todos os dias.

Desde 1540 Portugal gasalhou os Padres jesuítas. E logo em 1541 o grande Francisco Xavier vai conquistar o II Império Português Ultramarino, êsse para glória de Deus e honra de Portugal.

São os dois sucessos históricos maiores do nosso Renascimento Social: um, a Conquista e colonização do Império Português; outro, a fundação da Companhia de Jesus. Por isso eu não posso recordar-me do herói Afonso de Albuquerque, soldado e educador, sem que não veja erecto a seu lado o santo Francisco Xavier, padre e reformador, ambos conquistadores do mesmo Império e imperadores das mesmas conquistas.

Disse na sua *Historia* essoutro estudioso filho dilectíssimo desta terra de Guimarães, Alfredo Pimenta (1), quando fala da Companhia de Santo Inácio:

— «São missionários, são professores, são homens de ciência. Prêgam, ensinam e aprendem, para voltar a ensinar. De tôdas as Ordens católicas é a mais universalista, sob o ponto de vista da sua acção. Ciências especulativas e ciências utilitárias, Universidades e oficinas, escolas primárias e escolas de catequese — tudo lhe serve para campo de actividade.

No Oriente, vai até ao Tíbet, até à Mongólia, até ao Japão. Ao romper do século XVII, está em Madagáscar, andando já na costa oriental da África, desde 1560. No Brasil, entram em Abril de 1549, com o Padre Manuel Nóbrega. O governador Tomé de Sousa marca o lugar onde se há-de erguer a cidade de S. Salvador da Baía: os jesuítas que o acompanham são pedreiros, cabouqueiros, carpinteiros, e por suas próprias mãos edificam a sua casa e a sua igreja.

Como os mais hábeis diplomatas, a sua primeira preocupação onde chegam é aprender a língua da terra.

---

(1) Alfredo Pimenta — *Elementos de História de Portugal*. Lisboa, 1934.

No Oriente, no Brasil, na África — eles não descansam enquanto se não fazem entender na linguagem dos que querem cativar».

Já o Senhor de Chateaubriand anotara essa feição universalista da Companhia, quando escreve (1):

— «A ilustrada educação do jesuíta era-lhe mais uma vantagem sôbre o viajante ordinário. Os superiores exigiam muitas distinções aos discípulos que se destinavam às missões. Para o Levante era preciso saber grego, cofta, árabe, turco, e possuir alguns conhecimentos em medicina; para a Índia e China queriam-se astrónomos, matemáticos, geógrafos e mecânicos; aos naturalistas era reservada a América».

E, santo Deus, o que não fizeram os Padres da Companhia por êsse Mundo fora, mundo nosso, mundo da expansão portuguesa por todos os continentes do planeta! Sem falar no que laboravam cá dentro das raías, leia-se o que narram êsses seus grandes e honrados cronistas P.<sup>es</sup> Francisco Rodrigues (2) e Serafim Leite (3).

Em estudo que já fez cinco anos, eu muito me rejubilei no arrolamento brilhante de tantas dessas glórias da Companhia pelas terras feraces da Ciência (4), matemáticas, Ciências-Naturais e Físico-Químicas, Antropologia, Etnografia e Medicina.

Não há leira científica em que não picasse, fundo ou leve, o bico da enxada jesuítica.

Eu não quero arredar-me do campo onde possa mais afoitamente lavrar: por isso não toco nas benfeitorias da Companhia em estudos filosóficos, tão bem comentadas pelo ilustre Padre da mesma aqui presente, Domingos Maurício; nos estudos lingüísticos, teológicos e tantos mais. Não precisaria de

(1) Chateaubriand — *O Gênio do Cristianismo*. Trad. de Camilo Castelo Branco, rev. por Augusto Soromenho. Pôrto, 1864.

(2) Francisco Rodrigues — *A formação intelectual do jesuíta*. Pôrto, 1917.

(3) Serafim Leite — *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa, 1938.

(4) Luís de Pina — *Os Homens da Igreja na Ciência Nacional*. «Brotéria», Lisboa, 1936.



desbordar as extremas da beleza das Ciências, se pretendesse expor algumas das maiores glórias dos nossos Padres Jesuítas. Em vários lugares, verbalmente ou por escrito, muitos autores e mais pobremente eu já demos notícia do principal. Por isso se recordaram nomes de altas escaleiras como os dos Padres Anchieta e Nóbrega, Fernão Cardim e Manuel Barradas, Luís de Almeida e Álvaro Tomás, Manuel Dias, Gaspar Afonso, e tantos, tantos mais.

E cá temos, no rol, essoutro nome de António Vieira, maior entre os maiores, que para as Ciências-Naturais da terra brasileira carreou achegas que não podemos rejeitar e a que já aludiu o Prof. Hernâni Cidade por estas palavras (1):

— “A correspondência de Vieira por êste tempo insere algumas das mais belas e fortes páginas da obra que nos legou. Abrasa-as um fervor de actividade religiosa que os séculos não têm esfriado, ao mesmo tempo que nelas palpita uma curiosidade naturalista que intercala, em meio das *flores retóricas* da literatura do tempo, maravilhosos trechos do sertão e da selva, em que se desoprimem e respiram fundo os pulmões...”.

António Vieira, insignníssimo prægador; António Vieira, psicólogo arguto e astuto; António Vieira, patriota da mais fina cepa; António Vieira, educador; António Vieira, mestre da língua portuguesa; António Vieira, missionário! Seis Antónios Vieiras num só homem, seis faculdades, habilidades e inclinações nesse prægador da palavra de Deus!

E é êste Padre que há-de dar-me hoje a graça do mais particular argumento desta oração festiva. Ah!, santo Deus, se fôsse só isso! Mas é que eu vou destemidamente mais longe, pois alço o ousio ao comentário de um dos sermões do Mestre, nada menos que o do Evangelista São Lucas, padroeiro dos Médicos, prægado em dia da sua festa, 18 de Outubro.

Que a misericórdia do Santo e a memória illustre

---

(1) Hernâni Cidade — *Padre António Vieira. Estudo biográfico e crítico*. Vol. I. Ed. da Agência Geral das Colónias. Lisboa, 1940.

do seu panegirista me valham no dobrar dêste cabo onde tantos adamastores intendem comigo a conturbar-me o ânimo e a terrificar-me a pênna.

\*

\* \* \*

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Não sei bem desde quando é que a humanidade diz mal dos médicos: por certo desde o princípio do mundo! Umas vezes, com razão; outras vezes, sem ela, e muito desacertadamente. Mas, com razões ou sem razões, a verdade é que o pobre mundo precisa dêles e êles do mundo.

Sem embargo, vêde como os maldizentes que lanceiam os médicos são também lanceados por si próprios. Eu explico: diz-se, e é bem verdade, que *de médico e de louco todos temos um pouco*. Ora agora eu argumento finamente: como V. Ex.<sup>as</sup> todos são médicos, como eu e outros galenos que neste salão se encontram, vêde que dizeis mal de vós mesmos, quando vos deitais a dizer mal de nós.

Quere dizer: — andamos todos a falar mal uns dos outros, o que aliás não espanta, porque o vício é profundo, interno e purissimamente português. Mas como uma das mais exigidas qualidades do médico há-de ser a paciência, não nos escasseia ela em frente da má língua de V. Ex.<sup>as</sup>, meus muito prezados colegas. Por outro lado, Deus manda perdoar as injúrias: e não há aí profissional, mecânico ou artista, que seja mais cristão do que nós, os médicos.

O dizer mal dos médicos e da Medicina, vinha eu dizendo, toca em antiguidade a do primeiro doente que houve na terra. Depois dêsse, muitos milhões e milhões de enfermos a morte disputou aos médicos, que os venceu a todos, ilustres ou pouco sábios.

Grandes defensores nossos se têm levantado a bradar contra os murmuradores, sejam êles Gil Vicente ou Molière, António José da Silva, Cavaleiro da Oliveira, Barbosa du Bocage ou anónimos fazedores de anedotas em página derradeira de gazeta ou lauda

inocente de almanaques, folhinhas e quejandas espécies da arte gráfica.

Grandes defensores nos vão aparecendo por aí, graças a Deus. Uns, da classe, outros de fora da classe. Quanto aos acusadores, peiem aí suas desboçadas fúrias os de fora, em frente daqueles que dentro da confraria são os primeiros a prègar moralidade, a assentar as estacas a que há-de arrimar-se a ética de todos os médicos. Neste grupo de sermonistas posso apontar-vos os Drs. Henrique Jorge Henriques e Rodrigo de Castro, do século XVI, como os mais antigos. E dêles para cá, muitos outros, atarefados na mesma empresa purificadora: Zacuto Lusitano, no século XVII, Brás Luís de Abreu e Manuel de Azevedo no século XVIII; um Sousa Martins no século XIX; um Cândido na Cruz no nosso século!

Se entre nós, os médicos, pincham alguns demónios, grandes ou pequenos, também resplandecem bem-aventurados como êsses, e até santos, como São Pantaleão, São Cosme, São Damião e São Lucas, afora outros, do vasto agiologio cristão, mártires das folhinhas: São Leôncio, São Carpóforo, São Diómedes, etc.

Ora no fragor dêste prélio negro em que uns contendores atacam a Medicina e outros a defendem, aparece, cheio de fôrça e de graça, um insigne medianeiro nas hostes interventoras, o grande Padre António Vieira, com seu pendão alçado, brilhante e apaziguador, o *Sermão de São Lucas* (1). E a São Lucas e a Vieira é que vou rogar, nesta noite, elementos novos de defesa dos médicos, de par com outros censores, merecidos todos.

Bom será saberem os que me ouvem que os médicos estão sujeitos a rigorosos preceitos de vida profissional e que os codificou um *Compromisso Deontológico*, de 6 de Agosto de 1939, que diz, logo na entrada (2):

— «A profissão médica, pela complexidade, responsabilidade, elevação e subtilidade das suas funções,

---

(1) O texto que sigo é o da edição dos *Sermões*, de 1908, Pôrto. Vol. VIII.

(2) «Boletim da Ordem dos Médicos», Ano I, fasc. I. Lisboa, 1939.

requere, para quantos a ela se dedicam, a concessão de especiais direitos a par da imposição de muitos e diferenciados deveres.

A colaboração dos médicos nos múltiplos sectores da vida social; a sua interferência nos problemas vitais da sanidade pública e particular; a diversidade de interesses affectivos, morais e até materiais em que são chamados a intervir nas suas relações com o viver pessoal e familiar dos doentes, e o indispensável respeito e solidariedade que os médicos devem manter entre si, tem de restringir, necessariamente, a sua liberdade individual para não prejudicarem os direitos de outrem, para não comprometerem as utilidades que a sociedade auferir do exercício da Medicina, para não contrariarem os esforços dos que porfiam pelo aperfeiçoamento da sua missão, para não promoverem o descrédito da colectividade de que fazem parte».

O *Compromisso* mencionado, que a *Ordem dos Médicos* aprovou em seu Conselho Geral, pontifica no que toca à moral da classe. Só dela? Não, pois que também bordeja e legisla sôbre as obrigações dos doentes e da Sociedade devidas aos médicos, cousa que não podia deixar de ser tratada em tão magno documento.

Pois, Senhoras e Senhores, o *Sermão de São Lucas*, que o P.<sup>e</sup> António Vieira escreveu e prègou há perto de 300 anos, é um trecho notável, digno de inscrever-se nos trechos da *Deontologia Médica* de qualquer nação do mundo, pois por todo êste estão difusos milhares e milhares de médicos, sujeitos simultaneamente às mesmas regras morais.

O sermão de São Lucas, hoje patrono de todos os médicos e orago da Associação dos Médicos Católicos Portugueses, é uma bela lição de Deontologia Profissional. E tão formosa, que aos meus alunos da Faculdade li já boa parte dela, neste mesmo ano de festa para a Companhia a que pertenceu o eminente prègador.

A três fitos mira meu intento desta noite: um, o de como cristão preitear um padre insigne da Companhia de Jesus: outro, o de como médico exaltar um trecho admirável da prègação de Vieira que intende na Deontologia da classe a que pertenceo; outro, ain-

da: — consagrar assim, nesta noite de galas para a Companhia de Jesus, o muito que ela trabalhou nas leiras em que nós médicos lavramos, que o mesmo é dizer na cura de enfermos, na relação escrita de muitas cousas médicas, na assistência a doentes, por hospitais e outros lugares de sofrimento humano!

Que digam, de tão alta tarefa jesuítica, os sertões do Brasil, as plagas e selvas de África, as ilhas da Oceânia, as terras estranhas da China e do Japão. Isto para falar sòmente em Portugal e na era luminosa da Expansão Portuguesa no Mundo.

Quem o afirma? Antes de mais, os factos. Mas as histórias andam cheias de justificações e de comprovações: Serafim Leite bem as arrola na sua obra de há três anos. Escreve o douto Padre (1):

— «Os Jesuítas Portugueses, ao chegarem ao Brasil, viram-se logo a braços com as doenças tropicais, e sem médicos. Para a manutenção da saúde ou sua reintegração, utilizaram naturalmente, por um impulso de defesa e de caridade, os escassos meios que tinham trazido da Europa ou que o país, onde deveriam exercer a sua actividade, lhes oferecia. Vivendo em pleno século XVI, e não sendo a medicina a sua profissão, tinham por fôrça de manter-se dentro da terapêutica empírica e duma profilaxia rudimentar. Evitaram, contudo, o escolho do curandeirismo, pela cultura humanista que possuíam, a mais alta do seu tempo. Tiveram, na verdade, que se premunir sòlidamente contra êle. Os Índios, com a sua mentalidade primitiva, exigiam curas maravilhosas, como se na mão dos jesuítas estivesse a vida e a morte. Não se servindo os Padres, um dia, dos remédios de que dispunham, «no curativo de um indivíduo atacado de doença contagiosa, que parecia a lepra», custou a convencer a gente de que era cura superior às suas possibilidades».

E, noutro ponto, exclama (2):

— «Os Jesuítas indo para o Brasil como médicos das almas, viram-se pois, obrigados, pela fôrça das

---

(1) Serafim Leite — *História da Companhia de Jesus no Brasil*, ob. cit. II.

(2) Serafim Leite — *Id.*, id.

circunstâncias, enquanto não vieram profissionais, a ser também médicos do corpo. Intenção de *assistência*, evidente».

Quão ilustres amadores-médicos não foram, por vezes, os bons Padres da Companhia: Fernão Cardim, João Gonçalves, José de Anchieta, Afonso Brás, Gaspar Lourenço. Policlínicos e especialistas, boticários e cirurgiões, tudo foram os pobres missionários.

Com muito orgulho podem os cronistas da Companhia de Jesus subscrever êste trecho do Padre Serafim Leite (1):

— «Lopes Rodrigues, Prof. das Universidades de Belo-Horizonte e Rio de Janeiro, publicou há pouco um volume intitulado *Anchieta e a Medicina*. Condecora-o com os títulos de clínico, cirurgião, higienista, parasitologista, psicoterapeuta, naturalista, ginecólogo, e até parteiro, ainda que não nos parece que êste último título se possa definitivamente sustentar, dado que só consta de dois casos, e neles o Jesuíta não interveio junto da parturiente, mas só com a criança recém-nascida e abandonada. Lopes Rodrigues manteve-se dentro do seu objecto, que era Anchieta, a quem chama *Galeno Jesuítico do Brasil*. Ampliando nós o quadro a todos os Jesuítas, a êles em geral, uns mais outros menos, pertencem aqueles títulos. E áqueles títulos deve juntar-se o de farmacólogos distintos».

¿ Há ou não razões, minhas Senhoras e meus Senhores, para um médico trazer a esta tribuna lembranças de um sermão sôbre Medicina e médicos prêgado por um Padre da Companhia de Jesus há perto de 300 anos?

Vieira abre o sermão com esta epígrafe dos livros santos: — *Curate infirmos, et dicite illis: appropinquavit in vos Regnum Dei*, que são palavras de Cristo repetidas por São Lucas. Em linguagem queir dizer o texto latino, aceitando a versão vieirense: *curai os enfermos, e dizei-lhe que é chegado o tempo em que se hão-de abrir as portas do céu, que até agora estiveram fechadas!*

---

(1) Serafim Leite — *Páginas de História do Brasil*. S. Paulo, 1937.

O que quer dizer isto, o mandar Cristo aos seus discípulos *curar os enfermos*? Vieira o explica:

— «O thema falla da virtude sobrenatural com que os Apostolos e Discipulos de Christo curavam as enfermidades milagrosamente: e o nosso assumpto suppõe, e ha de fallar da sciencia da medicina com que os medicos curam naturalmente, e sem milagre: logo não assenta bem o assumpto sobre o thema, que é o mesmo que tirar os alicerces ao edificio. Respondendo que o thema não só falla da medicina sobrenatural, senão tambem da natural: e que os Apostolos, assim como nem sempre fallavam pelas linguas do Espirito Santo, senão tambem pela propria; assim nem sempre curavam sobrenatural e milagrosamente, senão por si, ou por outros, pelos meios e remedios da natureza e da arte».

Ora é bem sabido o que se diz por aí: o padre é cura da alma, e o médico, de corpos. Grande discussão seria a busca de argumentos sôbre esta matéria. São Lucas conta que São Paulo tratava como médico da terra a Timóteo, podendo curá-lo sobrenaturalmente; e que São Pedro o mesmo fizera a sua sogra, caída na cama com grandes febres, applicando-lhe sômente remédios *naturais e da terra*.

E, já agora, um pequenino alto no discurso, para vos ler como Vieira argumenta com roaz ironia o caso da sogra do santo claviculario:

— «Quanto à sogra de São Pedro, dizia eu noutra ocasião, que ainda em prudência económica e política se podia deixar estar enférma só por ser sogra. Uma sogra talvez é melhor estar doente, que sã: porque doente, a mesma doença a tem quieta a um canto da casa; e sã, rara é a que não se contente com menos, que com todos os quatro cantos dela. A mesma palavra *tenebatur*, parece que diz que a doença a tinha ali atada. Mas agora digo, que a deixava São Pedro estar assim, para que ela exercitasse a paciência, e êle a caridade».

A cura de doenças de certas personagens bíblicas por processos naturais andam registadas nos livros e Vieira alude às do rei Ezéquias, à do pai de Tobias e outros. Sabe-se, das Histórias respectivas, que a Medicina dos Hebreus contemporânea de Jesus-Cristo

corresponderia, na época, à do período que decorre entre Hipócrates e Galeno. Tôda sacerdotal, sem escolas profissionais, muito maculada de superstição e magia, por influência da Medicina da Mesopotâmia e do Egito. O *Talmude* e a *Bíblia* são as mais opulentas fontes donde escorre, para o investigador de hoje, a história médica hebraica. Por isso, pedem leitura demorada e atenta o Levítico, o Êxodo, os Salmos, o dos Reis, o Génese, as Crónicas, o de Daniel, os Números, os Provérbios e outros ainda, donde um dos mais conhecidos historiadores médicos, Garrison, extraíu curiosos esclarecimentos (1).

Vieira, como se viu, foi sorver os que apontou no *Eclesiastes*, *Génese* e no de *Isaias*.

Agora, sopesemos estoutro passo do nosso Jesuíta, ainda a respeito do *curate infirmos*, e depois de referir que os santos discípulos de Jesus tratavam os doentes com virtudes sobrenaturais e naturais:

— «As palavras do tema dizem, *Curate infirmos*. ¿E porque não disse o Senhor, cujas elas são, *sanate*, senão *curate*? ¿Porque não disse, *sarai*, senão *curai*? Porque o sarar, que tem por efeito passar de repente da enfermidade à saúde, é só de virtude sobrenatural e milagrosa: por isso dos que tocavam o corpo, ou vestiduras de Cristo, não se diz que os curava a sua virtude, senão que os sarava».

Ora, minhas Senhoras e meus Senhores, cirurgião insigne viu a França no século XVI, Ambrósio Pareu, reformador da sua arte no Renascimento, que dizia do seu doente: *Je le pensay, Dieu le guérit* que, por mais escasso número de palavras, quere dizer o que Vieira explicou agora mesmo: *eu tratava-o, Deus o curou* — .

¿E quem não há-de lembrar-se, também, da grande cópia de santos da Côrte de Deus de quem o Povo fez médicos ou curandeiros, como Santa Luzia, para os males dos olhos, São Vicente, para a varíola, São Libório, para a pedra da bexiga, São Nicolau, bispo, para os casados serem fecundos e tantos mais, como

---

(1) Fielding H. Garrison — *Introducción a la Historia de la Medicina*. Trad. espanhola de Garcia del Real. Madrid, 1921.



bem poderia e mais largamente contar-vos o vosso etnógrafo que me está a ouvir, o caro Alberto Braga? <sup>(1)</sup>

Eu não devo ir além deste ponto sem vos lembrar que outro homem da Igreja, lente da Escritura na Universidade de Coimbra, o jerónimo Frei Heitor Pinto, patriota como Vieira e mestre da nossa língua, como êle, do século XVI, escreveu àcêrca dos médicos e da Medicina um precioso capítulo, que não há-de ficar aqui no limbo. E por mais uma razão: é que Heitor Pinto estudou ali mesmo também, no vosso convento da Costa, onde hoje estanceiam os Padres da Companhia de Jesus.

Pois o nosso frade jerónimo, na sua deliciosa *Imagem da vida cristã* <sup>(2)</sup>, floreteia argumentos decisivos entre o jurista e o negociante que lhe maltratavam a Medicina, em favor da Jurisprudência, apontando o exemplo do mesmo São Lucas e as curas por processos naturais usadas por São Paulo em Timóteo, pelo próprio Lucas e por Cristo em muitos doentes, não sem alçar Galeno a príncipe dos médicos, Galeno que até ao século XVIII foi corifeu do ensino da Medicina na nossa Universidade de Coimbra.

Frei Heitor, às primeiras arremetidas dos contendores, passa logo a dizer:

— «Quando começastes a falar contra os médicos, tive para mim que era zombaria: mas agora que vejo que não zombais, parece-me que será êrro não responder ao vosso».

E o bom e ilustre fradinho jerónimo lançava da sua aljava de guerra estas setas agudas contra os homens das leis, sujeitos também muito censurados e mal-feridos da crítica popular:

— «Vemos que muitos dos legistas se aproveitam mais de seu estudo para esgaravatar demandas, e destruir fazendas, que para proveito da república. As suas leis são tão débiles, que muitas vezes não prendem aos ricos e poderosos, senão aos pobres e fracos. Donde

(1) Vid. Luís de Pina — *Medicina popular segundo a tradição de Guimarães. Os Santos Curandeiros*. «Revista Lusitana», vol. XXIV. Pôrto, 1927.

(2) Frei Heitor Pinto — *Imagem da vida cristã*, in «Colecção de Clássicos Sá da Costa». Vol. III. Lisboa.

veio Anacáris a compará-las a teias de aranha, que retêm as môscas, e outros animais pequenos: mas os grandes as rompem e traspassam».

E para justificar seu assêrto duro, exclama:

— «Para que é mais senão que o vosso rei D. Pedro de Portugal, a que os Portugueses chamais o justo, sabendo que os advogados prolongavam as demandas, mandou que os não houvesse no seu reino. Assim o li na sua crónica que o conta por cousa certíssima. E, pois que os médicos curam os homens, e os legistas lhe fazem gastar suas fazendas, claro está quão úteis e excelentes são os uns que os outros».

Como vêdes, juntem-se aos mártires médicos os advogados mártires. Os legistas que me escutam sabiam perdoar a Frei Heitor Pinto a sua carga cerrada, pois era em legítima defêsa. E esta é uma valiosíssima atenuante nos delitos, diz-me dali o Código Penal e sabem-no óptimamente os almejados juristas.

(Continua).

LUÍS DE PINA.